

JUVENTUDE E RELIGIÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: A EXPERIÊNCIA DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NO BRASIL EM 2015-2016

Eixo temático: Fundamentos da Educação: Psicologia, História, Filosofia e Sociologia da Educação.

Forma de apresentação: Resultado de pesquisa.

Douglas Franco Bortone¹
Luis Antônio Groppo²

RESUMO

O cenário político nos anos de 2015-2016 gerou um ciclo de manifestações juvenis em todo território nacional em favor da educação. Vários jovens ocuparam suas respectivas escolas como protesto às medidas de governo adotadas pelos governos dos respectivos estados e também pelo governo federal, na gestão do presidente Michel Temer. O presente artigo integra a pesquisa “Ocupações Secundaristas no Brasil em 2015-2016: formação e autoformação dos ocupas como sujeitos políticos³” e tem como recorte análise da experiência religiosa da juventude nos movimentos sociais.

Palavras-chaves: religião; movimento estudantil; ocupações; juventude.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso está presente além das instituições religiosas. Seja na cultura, na história ou na subjetividade da vida, ele está moldando a visão de mundo do ser humano. Marcado pelos extremos do encanto ao desencanto, traz consigo experiências de aproximações e rupturas com a fé institucionalizada.

Nosso objetivo é analisar de que forma as tensões e aproximações das experiências religiosas dos secundaristas impactaram suas participações no movimento estudantil atravessando os espaços escolarizados. Pretende-se neste trabalho criar um ponto de partida, com dados da pesquisa e com referenciais teóricos que nos ajudem a compreender essas relações.

O movimento das ocupações é fortemente marcado pelo caráter formativo e democrático. Essa realidade fez com que temas tão emergentes e atuais ganhassem espaço para o diálogo na agenda das manifestações. As experiências e a diversidade no movimento apontaram para a presença da religião como fator de impacto na vida dos secundaristas.

As primeiras pistas da pesquisa nos confirmam essa realidade. Silveira e Groppo (2019), ao analisar o movimento das ocupações na perspectiva dos estudos de

¹Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo.

²Professor da UNIFAL-MG. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

³Processo CNPq 428160/2018-2, coordenada por Luís Antonio Groppo, professor da UNIFAL-MG

gênero, trazem relatos importantes para essa análise, conforme os trechos de entrevistas publicadas pelos autores e citadas neste ensaio.

Na ocupação havia uma pluralidade impressionante de negros que colocavam em pauta e falavam sobre sua religião, como se sentem diante de pessoas que falavam negativamente sobre as cotas, como se sentem sendo julgados pela aparência. E que, por ter uma pele retinta, automaticamente te colocam no lugar de criminoso. (Gabi, entrevista, apud SILVEIRA; GROppo, 2019, p.40).

O relato acima pode ser identificado como uma primeira impressão da religião como impacto na vida dos secundaristas. As tensões em relação à experiência religiosa começam a surgir quando a participação nas ocupações coloca em questionamento o fundamentalismo e o controle institucional da religião sobre a juventude.

[...]na minha vida, enquanto pessoa, fui muito religiosa, eu era evangélica. Hoje eu não sou mais, não sigo nenhuma religião. Eu sigo Cristo, ainda sou crente no sentido de crer, mas não sigo mais nada, ainda mais depois da ocupação. Porque eu comecei a ver que o pessoal da igreja mesmo jogou pedra em mim, e foi como eu disse, esse conflito gerou mudanças em mim, eu comecei a pensar mais criticamente ainda, quando eu reparava em algumas pessoas que falavam muito sobre a vida das outras pessoas e dentro dela não tinha nada, a não ser um vazio. (Clara, entrevista, apud SILVEIRA; GROppo, 2019, p.43)

A narrativa de Clara evidencia uma categoria para descrever a experiência religiosa da juventude: o crer sem fronteiras, que caracteriza a ruptura com a fé institucionalizada e o surgimento dos “jovens sem religião”, que acreditam em Deus mas agora com “possibilidades de liberação do controle institucional e gestão da livre iniciativa individual”. (NOVAES, 2006, p.3).

A privatização da verdade pelo controle institucional da religião e o discurso conservador travestido de defesa dos direitos humanos e da família, por determinados grupos religiosos, que mantém o poder econômico, midiático e financeiro, têm-se tornado fato de exclusão e segregação da diversidade presente nas juventudes da atualidade.

Esse novo olhar sobre a juventude nos leva a considerar a pluralidade existente no cenário religioso e os modos de perceber suas articulações na sociedade. Um dos fatores apontados por Novaes (2004) sobre este quadro que se forma na história da juventude é a secularização como abertura para novas (re) configurações do mundo religioso. A autonomia religiosa destacada no relato acima rompe com as formas de opressão que interpreta participação política e o pensamento crítico como “perca da fé” ou “rebeldia”.

Interessante pensar nos contextos que forjam essas experiências da juventude. Novaes (2005) na pesquisa “*Retratos da Juventude Brasileira*”, aponta uma maior tendência de ruptura da formação educacional em jovens pertencentes às comunidades denominadas pentecostais. Por outro lado, a experiência em denominações evangélicas

consideradas históricas e tradicionais, revela uma continuidade da juventude na sua formação escolar e acadêmica.

Nessa relação entre juventude, religião e participação política não podemos deixar de mencionar que há também experiências positivas que nascem do associativismo da juventude com o pertencimento religioso, embora não seja o caso discutido neste ensaio.

2 METODOLOGIA

A escolha metodológica utilizada na pesquisa é qualitativa, partindo da análise de entrevistas semiestruturadas realizadas pela pesquisa anteriormente citada neste trabalho. Posteriormente, serão realizadas novas entrevistas, aprofundando o tema da experiência religiosa dos secundaristas em relação ao movimento estudantil e a participação na militância.

3 RESULTADO E DISCUSSÕES

Como citado anteriormente, a pesquisa encontra-se em andamento. Detenho-me nas discussões teóricas que poderão trazer luz e de alguma forma teorizar a experiência da subjetivação política da juventude durante o movimento das ocupações secundaristas. Para subsidiar nossa discussão, usaremos como balizadores os pensamentos do filósofo Jacques Rancière sobre subjetivação política.

Essa designação de subjetivação política compreende a formação política dos sujeitos durante sua participação na militância. Segundo Rancière (1996), a política é o envolvimento de pessoas reais em momentos de luta e exercício para a democracia. Essas pessoas se fazem sujeitos políticos quando se envolvem e ocupam seus espaços com liberdade de expressão. É a subversividade da normalidade instaurada no sistema político atual. E é no dissenso que a democracia existe e novas formas de atuação política se revelam. Ao entrar para as ocupações, sem antes ter uma experiência política, a juventude adquire um novo conceito e lugar na esfera pública.

CONCLUSÃO

Ao concluir este ensaio devemos pensar como a religião atravessa as juventudes e influenciam também seu modo de ser. Torna-se necessário caracterizar mais a experiência religiosa dos secundaristas e como elas afetam o ambiente escolar e todos seus desdobramentos. É preciso pensar como o fenômeno religioso está presente como fator estruturante destes espaços. No seu caráter pedagógico, a religião deve ser encarada como lugar de alteridade, de ampliar a visão e gerar libertação dos sistemas opressores estabelecidos. Quando incorpora a socialização dos corpos, ela perde seu sentido e se torna opressora. Aqui ela se relaciona com a educação, com a escola, cuja experiência está sujeita também à libertação e à dominação. Urge então a necessidade do diálogo e da tolerância com o diferente como instrumento de desnaturalização dos fatos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, SP : Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005. 447 p

SILVEIRA, Isabella. GROPPPO, Luís Antonio. As ocupas e as ocupações secundaristas: feminismo, política e interseccionalidade. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v.8, n. 14, jan/jun. 2019.

NOVAES, Regina. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. Estud. av., São Paulo , v. 18, n. 52, p. 321-330, Dez. 2004 . acesso em 28/07/2020.

NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, p. 35-48, 2006. RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. In: A crise da razão. Organizador: Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Tradução de Paulo Neves.